



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC

GENILDO FERNANDES GONÇALVES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS:
UM ESTUDO NO CONTEXTO DA FAZENDA COCO**

PLANALTINA– DF

2015

GENILDO FERNANDES GONÇALVES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS:
UM ESTUDO NO CONTEXTO DA FAZENDA COCO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial para obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientadoras: Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa

Profa. Dra. Severina Alves de Almeida - Sissi

PLANALTINA – DF

2015

GENILDO FERNANDES GONÇALVES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS:
UM ESTUDO NO CONTEXTO DA FAZENDA COCO**

Monografia apresentada à Faculdade UnB de Planaltina, FUP/UnB, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduado em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens, defendida e aprovada em 09 de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa – Universidade de Brasília (UnB)
(Orientadora)

Profa. Dra. Severina Alves de Almeida – Universidade de Brasília (UnB)
(Orientadora)

Profa. Ma. Ana Cristina de Araújo – Universidade de Brasília (UnB)
(Examinadora Interna)

Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento – PPGL/UnB
(Examinador Externo)

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus; segundo à minha orientadora, pela dedicação e paciência comigo durante todo esse processo de formação.

Depois, à minha família e todos os amigos que fizeram parte da minha formação dentro e fora da LEdoC.

Se Deus é por mim, quem será contra mim?

RESUMO

Este trabalho, de cunho etnográfico, está fundamentado nos conceitos da Sociolinguística de Bagno (2007), Vellasco e Sousa (2007) e Bortoni-Ricardo (2008). Visa analisar a variedade linguística dos jovens e adultos da comunidade Kalunga Vão de Almas, Fazenda Coco. Busca, também, divulgar que esse modo diferente das pessoas pronunciarem as palavras, é uma linguagem diferenciada e, não obstante, não é considerada pela Sociolinguística, como uma fala “errada”. Esse fenômeno linguístico, que ocorre nas falas dos habitantes da comunidade, é uma característica que enriquece a nossa cultura e a nossa identidade. Isso porque temos uma língua dita “padrão” a ser seguida e, sendo assim, não podemos usar a mesma língua que usamos em nossas falas, isto é, a linguagem oral, como, por exemplo, quando escrevemos uma carta, mas também não precisamos desvalorizar nosso modo diferente de nos comunicar. Esta pesquisa traz como contribuição o registro sociolinguístico da Fazenda Coco e o conhecimento teórico e prático para a produção de material didático para as Escolas Kalungas.

Palavras-chave: Sociolinguística. Comunidade Kalunga Vão de Almas. Variedade linguística. Linguagem.

ABSTRACT

This work, ethnographic, is based on the concepts of sociolinguistics Bagno (2007), Vellasco and Sousa (2007) and Bortoni-Ricardo (2008). Aims to analyze the linguistic variety of young people and adults in the Kalunga community of Souls Go, Coco Farm. Also seeks to disseminate this different way people pronounce the words, it's a different language, and yet it is not considered by sociolinguistics, as a speech "wrong." This linguistic phenomenon, which occurs in the statements of the community members, is a feature that enriches our culture and our identity. That's because we have a so-called language "standard" to be followed and, therefore, can not use the same language we use in our lines, that is, oral language, for example, when we write a letter, but we do not need devalue our different way of communicating. This research brings as contribution the sociolinguistic record of Coco Farm and the theoretical and practical knowledge for the production of educational materials to schools Kalungas.

Keywords: Sociolinguistic. Kalunga community. Linguistic variety. Language.

LISTA DE ABREVIATURAS

CIEMA	Ciências da Natureza e Matemática
DF	Distrito Federal
FUP	Faculdade UnB de Planaltina
LEdoC	Licenciatura em Educação do Campo
PIBID- Diversidade	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
UNB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I.....	11
1.0 METODOLOGIA.....	11
1.1 PESQUISA QUALITATIVA E PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA	12
1.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	12
1.3 OBJETIVOS.....	13
1.3.1 Objetivo geral.....	13
1.3.2 Objetivos específicos.....	13
1.3.3 Perguntas da pesquisa.....	14
1.4 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	14
1.5 CONTEXTO DE PESQUISA.....	14
CAPÍTULO II.....	15
2.0 EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS CONQUISTAS.....	15
2.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	15
2.1 LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	16
CAPÍTULO III.....	19
3.0 SOCIOLINGÜÍSTICA.....	19
3.1 O QUE É SOCIOLINGÜÍSTICA.....	19
3.2 O QUE É VARIAÇÃO: OBJETO DE ESTUDO DA SOCIOLINGÜÍSTICA.....	22
3.3 NÍVEIS DA VARIAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA.....	25
CAPÍTULO IV.....	26
4.0 REVELANDO A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DA COMUNIDADE KALUNGA FAZENDA COCO.....	26
4.1 EXCERTO 1 – FALAS DE CRIANÇAS E DE JOVENS.....	26
4.2 EXCERTO 2 – FALAS DE ADULTOS.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	33
APÊNDICE.....	34

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa investigar e analisar as variações linguísticas de pessoas quilombolas da Fazenda Coco, integradas à Comunidade Kalunga Vão de Almas, ou seja, pretende-se investigar as diferentes maneiras que as pessoas pronunciam as palavras. Essa pesquisa é importante, porque muitos falam que nós, da comunidade, não sabemos falar de acordo com dita “norma padrão”.

Este tema teve origem durante minhas aulas de Sociolinguística. Antes de estudar variação lingüística, pensávamos que, nós da comunidade Fazenda Coco, falávamos errado. Ao estudar, aprendi que nós da comunidade não falamos errado, apenas falamos diferente.

Nós, moradores, da comunidade Kalunga Vão de Almas, sofremos muito com esse tipo de preconceito linguístico. Por ser uma comunidade de difícil acesso, não temos escola com Ensino Médio. Assim, os jovens são obrigados a deixar a comunidade para concluir os estudos. Ao chegarem às escolas urbanas, eles são identificados como caipiras ou roceiros. Tudo isso porque falam diferente dos outros alunos. Éramos obrigados a aceitar as críticas, pois pensávamos que eles estavam certos. Após estudar Sociolinguística na universidade, com a professora Rosineide Magalhães de Sousa, tive a ideia de pesquisar sobre variação linguística para mostrar às pessoas da comunidade do Vão de Almas que não falamos errado, que esse nosso modo diferente de pronunciar as palavras é apenas variação linguística. E há na sociedade pessoas que apóiam e defendem esse modo diferente de falar.

E, ainda, esta pesquisa é produto do projeto da Área de Linguagens, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID-Diversidade, que fortalece a formação docente inicial, além de formar pesquisadores iniciantes, isto é, etnógrafos. Também, insere-se nos trabalhos de pesquisa do Grupo Sociolinguística, Letramentos Múltiplos e Educação.

Esta monografia, além da introdução e das considerações finais, está dividida em quatro capítulos, que serão desenvolvidos no decorrer do trabalho. Vale ressaltar que ora utilizamos o discurso deste texto na primeira pessoa do plural, ora na primeira pessoa do singular.

CAPÍTULO I

1.0 METODOLOGIA DE PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, fundamentada em Sousa (2006), Creswell (2007) e Bortoni-Ricardo (2008). Para geração de dados, recorreremos a entrevistas gravadas e ao registro de falas espontâneas. Além do método de pesquisa, também registramos, neste capítulo, o contexto de pesquisa, o objetivo geral e os específicos, as perguntas de pesquisas, as pessoas pesquisadas e o seu perfil sociolinguístico.

1.1 PESQUISA QUALITATIVA E PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA

Este trabalho segue as características da pesquisa qualitativa etnográfica, que é registrar, pesquisar e analisar problemas sociais encontrados em uma comunidade e o que falaremos a seguir.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2008), o objetivo da pesquisa qualitativa, em especial a etnográfica, é desmistificar as ideologias encontradas no dia a dia da sociedade, principalmente quando se trata de um ambiente escolar, que um espaço formativo de pessoas, que estão aptas a obter conhecimento construtivos ou desconstrutivos a respeito de qualquer tipo de ideologias. No caso da Fazenda Coco, estamos tratando das variações lingüísticas que ocorrem em suas interações verbais.

Por ser um trabalho que aborda um contexto social da comunidade, o resultado deste trabalho pode ser levado para sala de aula, com o objetivo de desvendar as ideologias de que não sabemos “falar direito”.

Segundo Bortoni-Ricardo, é importante que o pesquisador reflita sobre diferentes temas para escolher um deles, e avaliar a importância desse tema para sua pesquisa e, a partir de leituras ou experiências vividas em uma determinada comunidade, levantar perguntas exploratórias que provoquem nos leitores uma reflexão sobre os problemas ou assuntos tratados na pesquisa.

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar as variações linguísticas da comunidade Kalunga Vão de Almas - Fazenda Coco e mostrar para as pessoas de fora que nós, da Fazenda Coco, não falamos “errado”. Os erros que aparecem em nossas conversas são um conjunto de variedades linguísticas

desconhecidas da dita “norma padrão”, então não é um erro é apenas uma maneira diferente de falar.

Já que esta pesquisa é de caráter qualitativo etnográfico, falaremos um pouco da contribuição da sua natureza, no contexto sociolinguístico, que foca em investigar e registrar as variedades linguísticas de uma sociedade dentro de um ambiente escolar.

Para Cook-Gumperz (1987, *apud* BORTONI-RICARDO, 2005), essa vertente pesquisa fenômenos linguísticos em ambientes escolares, buscando responder a questões educacionais. As formas linguísticas interessam a pesquisa na medida em que permitem identificar, nos eventos em sala de aula, especialmente, a compreensão que os alunos atingem, situando o contexto social da cognição, onde a fala é o elo entre o cognitivo e o social.

Durante esse processo de pesquisa, a partir dos métodos etnográficos, investigamos, analisamos e registramos as variações linguísticas das pessoas da comunidade Fazenda Coco.

A pesquisa qualitativa etnográfica oferece instrumentos tecnológicos para coletas de dados, como o gravador e a filmadora, entre outros. No caso desta pesquisa, optei por um método mais antigo para registrar as conversas espontâneas: o papel. Para realizar este trabalho, digamos que me transformei em um investigador disfarçado e assim que encontrasse uma variação linguística corria para registrar aquelas falas em meu caderno de pesquisa.

1.2. PARTICIPANTES DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada com pessoas adultas e adolescentes, de dez a quinze anos, do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental, Escola Municipal Coco, e moradores da Fazenda Coco da Comunidade Kalunga Vão de Almas, município de Cavalcante Goiás, localizada a aproximadamente 80 quilômetros dessa cidade. Uma comunidade isolada, onde as pessoas vivem do seu próprio sustento, com plantações de roças. Lá ninguém tem um emprego fixo, todos trabalham para si mesmo ou fazem diárias nos vizinhos. A única ajuda que eles recebem vem de programas sociais do governo, como o Bolsa Família e aposentadoria dos idosos, o que contribui como renda mensal das famílias e sustento de seus filhos e, muitas vezes, de seus netos.

A Fazenda Coco é uma comunidade formada por quinze famílias, a maioria analfabeta e sem domínio a Língua Portuguesa, dita “padrão”, em suas comunicações.

Para a geração de dados, foram entrevistadas pessoas de diferentes idades e graus de escolaridade. Devido aos pais não serem alfabetizados, os jovens não importam muito em terminar os estudos. Por causa das dificuldades, envolvendo condições financeiras, os pais tiram os meninos da escola para ajudar com as plantações das roças, devido a escola ser longe para os alunos irem a pé todos os dias. Isso provoca cansaço nos estudantes, que acabam desistindo da escola.

Muitos deles estudam até os quinze, dezesseis anos e param para procurar serviço e conquistar seu próprio dinheiro. Até hoje, apenas uma jovem conseguiu concluir os estudos.

Com isso, a língua materna dessas pessoas não sofre nenhum tipo de mudança ou interferência escolar, porque os adultos já não estudaram para conhecer o português padrão e os jovens estudaram, mas não o suficiente para conhecer a língua da escola, a dita da “norma padrão”, e falam do mesmo jeito que aprenderam com seus pais, desde os primeiros passos de vida.

1.3. OBJETIVOS

Este trabalho tem como desenho os objetivos e perguntas a seguir:

1.3.1. Objetivo geral

Investigar a variedade linguística da comunidade da Fazenda Coco, de Vão de Almas.

1.3.2. Objetivos específicos

- ✓ Identificar a variação linguística das pessoas da Fazenda do Coco que provoca preconceito linguístico.
- ✓ Contribuir para a formação linguística de docentes e para o trabalho pedagógico na Escola do Campo do Ensino Básico, Escola Municipal Fazenda Coco.

1.3.3 Perguntas da pesquisa

- ✓ Qual é o perfil sociolingüístico das pessoas da Fazenda Coco?
- ✓ Qual é a variação lingüística das pessoas da Fazenda do Coco?
- ✓ Como as variações linguísticas das pessoas da Fazenda do Coco provoca preconceito?

1.4. PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada na comunidade Kalunga Vão de Almas, Fazenda Coco. Foram gravadas conversas espontâneas de jovens e adultos dessa comunidade.

1.5. CONTEXTO DA PESQUISA

Esta pesquisa materializou-se com jovens e adultos da comunidade Kalunga Vão de Almas, município de Cavalcante- GO.

A comunidade Kalunga Vão de Almas está localizada a 80 quilômetros da cidade de Cavalcante. Nessa comunidade Kalunga não há energia elétrica, água encanada e nem rede telefônica. É uma comunidade de difícil acesso, cercada por grandes montanhas e traçada por rios que necessitam de pontes para circular dentro da comunidade no período das chuvas.

A Fazenda Coco está integrada à comunidade Kalunga Vão de Almas, e passa pelas mesmas dificuldades de acesso à cidade, é preciso andar a cavalo até chegar ao ponto onde se pode pegar um carro.

CAPÍTULO II

2.0 A EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS CONQUISTAS

Neste capítulo apresentamos a trajetória da Educação do Campo e apontamos as principais conquistas que ela significa para os povos do campo.

2.1. EDUCAÇÃO DO CAMPO

A escola do campo existe, hoje, graças às lutas dos movimentos sociais e dos trabalhadores do campo, que juntos lutaram por uma escola que tivesse um olhar voltado para a Educação do Campo; uma escola que valorizasse o trabalho do agricultor familiar, porque o que se via era a expansão do agronegócio, oprimindo o trabalhador que vivia no e do campo, privando-o de estudar e ter conhecimentos. Assim, ficaria refém do poder do agronegócio.

Segundo Mônica e Sá (2012 p. 324)

A concepção de escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da educação do campo, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação.

Se não fosse a luta dos movimentos sociais camponeses e dos trabalhadores do campo por terra e educação, o agronegócio teria nos tirado o direito de estudar; não teríamos conhecimento da quantidade de produtos agrotóxicos usados em suas plantações; aceitaríamos as ideias dos latifundiários de que, nós, camponeses, só ocupávamos as terras, que por sinal são nossas; não sabíamos que o que plantar de forma saudável, sem oferecer risco nenhum à saúde e sem devastar o meio ambiente. “Assim, a concepção de escola do campo a ser tratada aqui se enraíza no processo histórico da luta da classe trabalhadora pela superação do sistema do capital” (MOLINA e SÁ, 2012, p. 325).

A Educação do Campo tem como objetivo a formação dos trabalhadores camponeses para atender às demandas do campo e agir em defesa da sociedade camponesa, fortalecendo seu povo para as lutas, e que faça parte do corpo docente nas Escolas do Campo. Assim, é possível evitar a interferência urbana e o uso de agrotóxico nos meios de produções agrícolas. É nos conhecimentos

trabalhados com os alunos da Escola do Campo que será realmente construída uma educação do campo que não prive os alunos de aprender sobre o mundo lá fora, mas que os prepara para serem cidadãos dialéticos de uma sociedade camponesa, capaz de entender as demandas do campo e da cidade.

Segundo Molina e Sá (2012 p. 327), a escola do campo pode contribuir para a formação de novas gerações de intelectuais orgânicos, que terão conhecimentos necessários para conduzir o protagonismo dos trabalhadores do campo, em direção à consolidação de um processo social contra-hegemônico.

O termo Educação do Campo não surgiu por boa vontade dos governantes e nem com a ajuda dos donos do capital, como já disse anteriormente, baseado no texto de Molina e Sá (2012), mas, a partir de lutas e conquistas dos movimentos sociais camponeses e dos trabalhadores do campo.

De acordo com Caldart (2012, p. 258), a Educação do Campo surgiu, primeiro, como educação básica do campo, no contexto de preparação da I conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho 1998. Passou a ser chamada *Educação do Campo* a partir das discussões do seminário Nacional, realizado em Brasília, de 26 a 29 de novembro de 2002, decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em julho de 2004.

Foi uma luta dos camponeses e dos movimentos sociais para conseguir uma educação que valorizasse a identidade camponesa, a cultura, os costumes os saberes e fazeres do campo.

2.1.1. Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC UnB/ FUP

A Educação do Campo foi uma conquista dos movimentos sociais camponeses e dos trabalhadores do campo por educação que oportunizasse aos camponeses o ingresso na universidade para cursar o ensino superior.

Com muitas lutas, surgiu então a Licenciatura em Educação do Campo, que abriu as portas das Universidades para os alunos camponeses acessar uma graduação.

Segundo Molina e Sá (2012 p.466), essa licenciatura tem como objetivo formar e habilitar profissionais para atuação nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio, tendo como objeto de estudo e de práticas as escolas de

educação básica do campo. É um curso da pedagogia da alternância, dividido em tempo Universidade e Tempo Comunidade. Dessa forma, o estudante não se desliga do campo, pois volta para a comunidade para desenvolver atividades na escola onde está inserido. Esse movimento de alternância interfere, no bom sentido, na saída dos jovens do campo para a cidade, pois esses jovens estudantes, ao invés de morar na cidade, retornam para o campo para fazer seus trabalhos e, depois de formados, dão retorno de tudo que aprenderam na faculdade à sua comunidade.

Nós, quilombolas, fomos privilegiados com a Licenciatura Em Educação do campo. Na comunidade, o êxodo rural é muito forte e os jovens, muitas vezes, nem terminam os estudos e já são obrigados a sair da comunidade em busca de emprego; outros saem para estudar e não voltam mais para a comunidade onde foram nascidos e criados. Com essa formação, esses jovens, provavelmente, voltarão para exercer o seu papel de professores do campo e preparar seus alunos para que, futuramente, eles sejam os novos alunos da Educação do Campo no Campo.

A Licenciatura em Educação do Campo tem como característica a formação de seus docentes por áreas de conhecimentos, que se dividem em Ciências da Natureza e Matemática - CIEMA e Linguagens.

Molina e Sá (2012) pontuam que, além do objetivo de ampliar as possibilidades de ofertas da educação básica, há que se destacar a intencionalidade maior da formação por área de conhecimento, que é contribuir com a construção de processos capazes de desencadear mudanças na lógica de utilização e de produção de conhecimento no campo.

No meu caso, optei pela área de conhecimento de Linguagens, por ter mais facilidades na área, e, também, por conhecer um pouco da realidade das escolas do campo e a defasagem no ensino da gramática e no desenvolvido do letramento (leitura e escrita), devido à falta de formação para os professores das escolas do campo. Estou me formando nesta área com a intenção de levar o que aprendi para meus futuros alunos.

CAPÍTULO III

3.0 SOCIOLINGUÍSTICA

Neste capítulo, abordamos conceitos da Sociolinguística que servirão para o desenvolvimento deste trabalho. Para isso, recorreremos às obras de Bagno (2007), Vellasco e Sousa (2007) e Bortoni-Ricardo (2005), entre outros.

3.1. O QUE É A SOCIOLINGUÍSTICA?

Sociolinguística é ciência que estuda um conjunto de línguas e variações linguísticas que existe na sociedade, estuda a relação que existe entre língua e sociedade. A sociolinguística tem o papel de investigar esse conjunto de variação e variedades linguísticas e suas mudanças no decorrer do tempo. A variação sociolinguística pode ser classificada em:

Varição diatópica: é aquela que faz a comparação dos modos de falar de lugares diferentes, por exemplo, a Fazenda Coco da comunidade Kalunga com a comunidade indígena, a comunidade Kalunga com a zona urbana.

Varição diastrática: aquela que verifica o modo de falar das pessoas de diferentes classes sociais. Por exemplo: se comparamos as pessoas da comunidade kalunga da Fazenda Coco com as pessoas da cidade, de classe média ou alta, vai ser fácil notar um modo de falar totalmente diferente nas suas interações.

Varição diamésica: tem a função de analisar as diferenças entre língua falada e escrita, que são os dois modos de se comunicar: pela escrita e pela variante da fala, conforme os gêneros discursivos do contexto de interação social.

Varição diafásica: é o monitoramento que cada indivíduo faz, conforme a língua exige; exemplo: a fala de um deputado, uma promotora e um professor, cada um vai falar conforme o grau de monitoramento que a língua exige, em um determinado contexto de uso.

Varição diacrônica: verifica as mudanças de uma língua com o passar do tempo: um exemplo é a minha geração, que não fala do mesmo modo que falava a geração dos meus avós.

Para Bagno (2007), um conceito importante na sociolinguística e de variedade lingüística é o que acontece em uma comunidade, estado, cidade, sexo, idade, classe social e grau de escolarização que usam modos diferentes para falar a mesma língua.

Nós, da comunidade Kalunga Vão de Almas, temos uma língua, um modo de falar diferente das demais comunidades Kalungas. No caso da Fazenda Coco, não é grande a diferença no modo de falar de um jovem de quinze a dezessete anos em comparação a de um adulto de vinte e cinco a trinta anos, pois eles não frequentaram a escola. Isto é, o modo de falar desses dois grupos não muda muito, mas, se formos comparar esses jovens não estudados com um jovem estudado a diferença lingüística será evidente, visto que um passou pelo letramento escolarizado enquanto o outro passou muito pouco, ou não passou, por esse letramento. Esse conjunto de modo diferente de falar forma o conceito sociolinguístico de variedade lingüística.

Partindo da noção de heterogeneidade, a sociolinguística afirma que toda língua é um feixe de variedades lingüísticas (BAGNO, 2007). As variedades lingüísticas podem ser classificadas em tipos, são eles: dialeto, socioleto, cronoletto, idioleto, cada tipo tem uma característica e sua finalidade dentro da sociolinguística.

Dialeto: tem como finalidade observar o modo característico de uso da língua num determinado lugar, ou região.

Socioleto: nós, quilombolas de diferentes comunidades, temos características, no modo de falar, quase idênticas, por convivermos na mesma comunidade. Aprendemos uma língua que 90% das pessoas falam, os outros 10% usa uma fala mais monitorada. Por mais que a escola tente mudar essa realidade, o tempo de convivência com a língua materna é maior do que o tempo em que os alunos ficam na escola. Dessa forma, temos as mesmas culturas, ninguém é mais rico e nem mais pobre do que o outro, todos vivem das plantações das roças.

Cronoletto: designa a variedade própria de determinada faixa etária, de uma geração de falantes. O curioso é que por experiências vividas, em conversas com idosos, é possível perceber que mesmo nos tempo de hoje, pela comunidade ser isolada, e esses idosos terem pouco contato com a cidade, as variedades lingüísticas nas suas falas ainda existem, por nunca terem frequentado uma

escola. Assim, o linguajar mais antigo ainda prevalece, não constantemente em suas falas, mas, entre uma conversa e outra, surge uma que foi bastante usada no passado.

Idioleto: designa o modo de falar característico de um indivíduo, o modo em que cada um pronuncia as palavras, por exemplo, todos nós, estudantes, sabemos que no Brasil existem dois tipos de se comunicar: a língua (falada) e a (escrita), mas nunca falamos do mesmo jeito que escrevemos, cada indivíduo faz o uso da língua conforme acha melhor. Alguns usam uma linguagem mais monitorada, outros, apesar de ser estudados, falam do mesmo modo que a comunidade inteira fala.

Segundo Vellasco e Sousa (2007), o pleno domínio da língua materna possibilita ao sujeito a participação na sociedade, contudo, dependendo da variedade linguística não ser de prestígio, a pessoa sofre preconceito linguístico. É isso que eu venho percebendo com estudantes Kalunga na escola da cidade.

A língua é um instrumento que possibilita aos indivíduos se comunicarem, expressar suas ideias. Se formos pensar na língua, chegaremos à conclusão de que sem a língua o mundo teria outros rumos, seria um mundo mudo, sem voz sem comunicação, sem ideias inovadoras.

Ao relacionarmos língua à sociedade e à cultura, temos por resultado uma identidade caracterizada por conta da língua, a identidade de um povo pode que é notada no modo de falar e na sua cultura.

Conforme Vellasco e Sousa (2007), a linguagem e a sociedade estão em um processo dialético constante, porque o sujeito está inserido na sociedade, cuja linguagem é o instrumento de construção do conhecimento desse sujeito social.

A variação lingüística é apresentada em níveis. O nível fonológico, por exemplo, o “r” caipira; o “s” chiado dos cariocas, e dos goianos quilombolas. Essa diferença que existe nas falas de pessoas de diferentes localidades faz parte do nível fonológico da variação linguística.

O nível morfossintático, muitas vezes, por analogia, algumas pessoas conjugam verbos irregulares como se fossem regulares. No caso da Fazenda Coco, as pessoas têm o hábito de não falarem os verbos dentro da norma padrão, e a variação linguística acontece nos verbos. Por exemplo, *comeissa* ao invés de começar, *trabaia* invés de trabalhar, *gonhá* invés de ganhar.

Nível lexical: algumas palavras são empregadas em um sentido específico, de acordo com a localidade. Exemplos: nas gírias *mina* que significa garota, menina, na linguagem caipira *trem ajeitado*, significa boniteza, beleza. No caso da Fazenda Coco, *infuluido* significa estar afim de alguma coisa. São algumas das variações vocabulares que acontecem no Brasil.

Diversidade da língua: essas diversidades linguísticas, que cada pessoa traz em suas falas, é característica da região onde nasceu, o meio em que convive, a profissão que exerce, a sua faixa etária, o seu grau de escolaridade. Os exemplos a seguir ilustram esses diferentes tipos de variação: Dependendo da a região onde nasceu, influenciados pela variação regional, mas os falantes podem dizer aipim, mandioca ou macaxeira para designar a mesma raiz. Nós, da fazenda Coco, chamamos essa raiz de mandioca, diferente dos outros estados.

3.2. O QUE É VARIAÇÃO: OBJETO DE ESTUDO DA SOCIOLINGUÍSTICA

A variação linguística é um muito importante como tema de pesquisa para a minha comunidade, porque desperta um olhar voltado para as variações linguísticas da comunidade, fortalecendo o nosso jeito de falar diferente. Possibilita-nos enfrentar as tentativas de transformações ideológicas de que essa língua tem não é correta, mesmo sabendo das consequências que poderão ser encontradas na sociedade, de língua e cultura de diferentes comparações, como a nossa. Esse trabalho vai abrir os olhos dos falantes dessa e de outras comunidades quando ler algo sobre variação linguística.

Ao abordar esse tema variação linguística não dá para falar apenas da comunidade Kalunga Vão de Almas como vítima desse preconceito linguístico, mas isso abrange todas as comunidades Kalungas, em um todo o meio rural, que, muitas vezes, é julgado e identificado como pessoas que não sabem falar certo. Mas a ciência da linguagem conta, ao nosso favor, que não existe erro na língua. Se ela for entendida como um meio de comunicação das pessoas daquela comunidade, então ela é uma língua.

Muitas vezes, presenciei cenas humilhantes para nossa classe Quilombola ou ruralizada, pessoas elitizadas de outros lugares falavam uma palavra fora da norma padrão, e seus colegas te criticarem dizendo que ela estava parecendo

Kalunga, que na língua dos preconceituosos é chamada “Kalungueiro”. E continuam assim: se viu falar diferente, é negro e é chamado de roceiros pessoas das zonas rurais.

No Brasil, as pessoas têm que se adaptar sempre às mudanças e seguir uma norma padrão, efetivada por pessoas brancas e de poder na sociedade. Nós, negros e pobres, com uma marca dada pelos brancos há muitos anos atrás, não adquirimos traços suficientes para nos enquadrarmos nessa norma e sermos vistos no Brasil como uma nação, sem divisão por cor, raça, classe e língua.

Quem não conhece nada sobre variação linguística sempre vai relacionar a linguagem com a cor, com a raça e com a classe. Até nos dias de hoje, o negro e pobre que não falar conforme a norma padrão sofrem humilhações preconceituosas, físicas ou psicológicas, pois foi assim desde o período da escravidão, essa foi a marca dada aos negros pobres.

Ao parar para pensar, vamos chegar a uma conclusão de que todas essas leis e ideias de língua certa e errada, de divisão entre o negro e o branco, de divisão de classes, do preconceito por cor ou raça, de que negros não falam certo, de que mulher, principalmente, negra, o lugar dela e na cozinha, cuidando de casa, enquanto os patrões saem e, lá fora, quando eles chegam precisam encontrar tudo feito, a mesa posto etc, tudo isso são formas de preconceito. Enfim, são inúmeras ideologias em relação ao lugar, à posição, e ao linguajar do negro pobre. Todo esse conjunto de opiniões frustrantes deve ser combatido. Por outro lado, há quem pense como ser humano e defenda uma sociedade igualitária com o espaço para as variações linguísticas.

Ao analisar a gramática tradicional, chega um momento em que as línguas faladas são distanciadas da norma dita “padrão”. Leitores e escritores têm que se distanciar das línguas faladas para produzir um texto. Por isso, todo estudante tem o direito de saber que no Brasil há duas formas de se comunicar, a primeira é por meio da língua falada e a segunda por meio da escrita. E também sabemos que há variação na língua escrita, dependendo de sua finalidade de uso.

Na sociedade, podemos até falar diferente, mesmo sofrendo preconceitos linguísticos, mas na hora de escrever o que falamos temos que adaptarmos à norma mais monitorada do padrão escrito.

As variações linguísticas vêm sofrendo com os preconceito da sociedade há tempo, e penso que desde quando os primeiros gramáticos criaram a ideia de

que somente os homens bem sucedidos na sociedade letrada sabiam falar certo e bonito, os demais: mulheres, pobres, negros, eram consideradas pessoas de uma maneira feia de falar.

Como já disse anteriormente, vale relembrar que por mais que a gramática tradicional condene o modo das pessoas falarem diferente fora da norma padrão, a sociolinguística insiste em defender aquilo que a gramática chama de feio e errado é variação linguística, essa tese é defendida por Bagno (2007), no livro *nada na língua é por acaso*. O erro na língua, como é chamado pela gramática e pelos letrados, tem sua própria história. Alguns escritores das décadas anteriores, antes da reformulação da língua portuguesa, cometiam, segundo a gramática atual, os mesmos erros. Modos diferentes de falar, às vezes a troca do L pelo R tem sua história linguística. Portanto, não eram apenas pobres e analfabetos que falavam e escreviam errado.

O problema é que, em pleno século XXI, as pessoas, em vez de mudarem o jeito de pensar a respeito da variação linguística, aumentam e alimentam a ideia de quem fala errado são pessoas da zona rural, e eles, da zona urbana, são os letrados e falam de acordo com a norma padrão.

Se formos pensar na variação linguística e sociedade, é possível relacionar variação com avaliação linguística, porque sempre que em algum debate, em qualquer lugar que seja, se um negro ou pessoas de trajés simples pedirem a palavra, todos os olhares são voltados para o palestrante, na intuição de ele não saber falar corretamente. Isso é notado na universidade, nas salas de aula, quando colegas negros, da zona rural, que têm um linguajar diferente, com dificuldade de diálogo, vai participar de uma palestra de um determinado assunto, é possível notar que os demais colegas, de linguajar mais monitorado, dão pouca importância na fala do colega. Tudo isso porque a sociedade nos ensinou que quem sabe falar bonito são os brancos.

Contudo, muitas vezes, é a prática de falar em público que alguns têm, e outros não. Tanto é que várias vezes pessoas, quando são convidadas para compor uma mesa de palestrantes, escrevem sua fala, corrigindo os erros que poderiam acontecer na sua fala, para que pudesse falar bonito assim como os letrados. Nós, falantes de linguajar diferente, somos obrigados a deixar de lado a nossa língua cultural, o nosso jeito de falar, para não passarmos vergonha em um grupo maior de pessoas.

3.3 NÍVEIS DA VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

Varição fonético-fonológica: pense em quantas pronúncias você conhece para o /r/ da palavra porta, carne, porque, porco, parque, enfim, é possível descobrir várias pronúncias diferentes. Pois é, nós, quilombolas da fazenda Coco, pronunciamos essas palavras sem o som do /r/ do caipira, dos gaúchos, dos letrados, diferentes até mesmo dos próprios goianos, além de falarmos sem som do /r/, quando acontece variação nas palavras trocamos o /r/ pelo /i/ ou mudamos o /r/ de posição: *poico*, *paique*, ou *pruque*.

Varição morfológica: são palavras de sufixo diferentes, mas que expresse a mesma ideia. Uma palavra usada na comunidade Fazenda Coco é *grudado* e *grudento*, *meloso* e *melento*.

Varição sintática: são as diferentes formas de como contar uma história ou um caso, cujo sentido é o mesmo, apenas as palavras estão organizadas em ordens diferentes. Exemplos: *José nasceu na Fazenda Coco*; *José foi nascido na Fazenda Coco*.

Varição semântica: o termo *vexame* pode significar *vergonha* ou *pressa*, dependendo da região do falante (BAGNO, 2007). Algumas palavras, cujo sentido é o mesmo na Fazenda Coco: *mal-criado*, *chuque*, *bruto* tem o significado de a pessoa ser brava estressada.

Varição lexical: várias palavras usadas para se referirem a mesma coisa: *mijo*, *xixi*, e *urina*. Na comunidade, costumamos dizer que vou dar uma *cuchilada*, tirar um *cuchilo*, alguém está *cuchilando*, todas essas palavras se referem ao fato de dormir.

Varição estilístico-pragmática: são as diferentes formas de tratar uma pessoa, dependendo do grau de intimidade entre os interlocutores. Na comunidade, se chega alguém pouco conhecida, como costumamos dizer, alguém de fora, ao chegar à nossa casa, falamos: *Vamos sentar*, agora, se for o vizinho, falamos: *senta ai fulano*.

Esta síntese sobre conceitos da sociolinguística nos dará suporte para análise de dados, no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

4.0 REVELANDO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE KALUNGA FAZENDA COCO

Nesta parte, analisamos a fala espontânea de pessoas que nasceram e vivem na Fazenda Coco, com o objetivo de registrar identidade a variedade linguística dessa comunidade, tendo em visto a história das pessoas quilombolas que lá vivem, mantendo sua identidade linguística. Nesta análise, vamos tratar a categoria fonético-fonológica, a que evidência mais a variedade linguística da Fazenda Coco. As análises serão feitas, considerando os usos mais frequentes de variações linguísticas de pessoas da Fazenda Coco, para isso, utilizamos excertos completos de fala das pessoas.

4.1 EXCERTO 1: FALA DE CRIANÇA E DE JOVENS

Professor: ieu vō cumeissa..ta demorandu vō cumeissa..cumeissei ta iscutanu não...chovê sô cadernu ai pra que pra mim vê cumo ocê feis...ua ocê ta srego ta cu zoi grelado e num ta inxeiganu...oca meu desenhū hum hum o larizão do homu...

Oio ficô bunito a laronja cocê feis...vô aponta u lapu..ua a ponta inda num aponto não...o professor cume que lê esse nome aqui.. hum hum num do conta não... oia a oreia num e orea não é mão...vô prega meu desenhū bem aqui...não num oia não...mõe foi La no rii ontu e so volto dinoitchaõ..ieu já tava druminu...

Condu ieu termina us istudo aqui ieu vō la pra goiana vō estuda La aqui é muitchu ruim...professor ocê vai viaja qui dia.. hum hum assim e ruim amonhō tem aula dinovu..ele num ta viajanu não ta ficanu é ai na istchada.. tudu dia viaja...

Condu pai foi la ni sa casa oçê num tava...amonhō tem vaicina aqui o homu falô...ocês queta mininu ocês inda quebra o deitchu...

Professor mõe mondo um-a gurdura de coco procê...us mininu ontu tava cumenu gurdura de coco cum farinha e açuca iscundidu de nha nha condo nha nha chegô viu a farinha dela derromada nu chão condu vai na lata de açuca so tinha um tiquim mas ela já brigô mininu... QUEM CUMEU A AÇUCA QUI TAVA AQUI? SE IEU SABÊ QUEM É OCÊS VAI VÊ CAMBADA DE PESPE... O fulanu so pai tava brigonu cum quem hoje cedu era coce? Um um

num era cunheu não...O professor ieu queru mim borá já ta na hora ua... uuu pegui o livu errado...

Essas conversas espontâneas foram realizadas em sala de aula multisseriada, com crianças e adolescentes, de dez a quinze anos, moradores da Fazenda Coco. Após o professor ter passado as atividades de sala de aula, os alunos se sentiram à vontade e começaram a dialogar entre eles e com o professor.

Como já disse anteriormente, o modo de falar dos jovens em comparação a dos adultos, não mudam muito, apesar de terem frequentado a escola, a convivência com seus familiares é maior do que o tempo em que eles ficam na instituição escolar.

Como a sociolinguística tem o papel de investigar a variação linguística de uma comunidade, ela também contribui na formação desses jovens. No caso da Fazenda Coco, como já observamos as variações linguísticas, o objetivo agora é retornar o trabalho para comunidade e usá-lo em sala de aula, como conteúdo da Língua Portuguesa.

Após observar o modo de falar das crianças e dos jovens, percebemos que a necessidade de trabalhar a sociolinguística na escola da Fazenda Coco, pois os alunos têm o direito de saber que no Brasil existe uma língua que deve ser seguida por todos, eles não precisam desvalorizar suas linguagens, mas é preciso saber usar os dois modos de falar no momento certo.

As falas dos adolescentes se enquadram na variação fonético-fonológica, pois eles trocam os sons das palavras “*ieu vō cumeissa e açuca*” ao invés de “começar”, o som do /r/ no final da palavra é eliminado e acrescentam a semivogal /y/ no meio da palavra, como nas seguintes palavras: *inxeiçano, vaicina, poico e poica, ieu*. Outra mudança no som da palavra é o acréscimo da vogal alta /i/, exemplos: *iscutanu, iscundido, minino*. E também, há a incidência da supressão do som oclusiva /d/, reduzindo a sílabas da palavra. Em vez de pronunciar a sequência VCCVCVCCV, pronuncia VCCVCVCV, vemos aí a predominância da sílaba canônica CV, isto é, a pessoa fala *iscutanu* em vez de *escutando*.

Os moradores da Fazenda também têm o hábito de usar a sílaba CCV, em vez CVC, quando pronunciam palavras que tenham a consoante /r/ entre as

silabas, exemplos: em *porque* e *dormindo*, eles mudam a posição do /r/, e as palavras passaram a ser lidas como *pruque* e *druminu*.

Na sala de aula, o professor se monitora não de acordo com a norma “padrão” mais monitorada, mas conforme a linguagem dos alunos, para tornar mais fácil o diálogo em sala de aula. Se o professor usar o modo de falar diferente do modo de falar dos alunos, eles não entenderiam o linguajar do professor e a aprendizagem seria impossível.

O professor, se não conhecer a realidade dos alunos, o modo de falar das pessoas da comunidade, o trabalho na sala de aula pode se tornar difícil para esse profissional da educação, daí a vantagem de formar educadores do campo, pessoas que conheçam a realidades dos estudantes, a cultura, identidade, os saberes e fazeres dos moradores da comunidade.

Em relação à monitoração estilística, que se dá pela escolha da variedade dos estudantes, isso não significa que o professor não ensinará a variedade de prestígio, do letramento escolar. Entretanto, essa postura é uma metodologia do professor para que haja a interação entre os pares, com o objetivo de alcançar o letramento escolar, que se dá por meio da norma de prestígio.

O objetivo deste trabalho é desmistificar a ideia de que nós, da Fazenda Coco, não sabemos falar direito, voltar para sala de aula e mostrar para os alunos a existência de outra língua que deve ser aprendida e falada por eles, conscientizá-los que a língua usada por eles usam é uma cultura, é a identidade construída por gerações anteriores. Por mais que a língua esteja em processo de mudança, algumas palavras ainda se mantêm vivas mesmo nos tempos de hoje, com os preconceitos enfrentados pelos falantes da língua dita “não padrão”.

4.2 EXCERTO 2- FALA DE ADULTOS

A chuva parô num que chuve...aqueza contage que us povo fazia pode laiga pra la que num ta cum nada mas não.. pruque no mês de otubo deu chuva mas ate agora nunca chuveu... hoje já é dizenove o mês já ta cabanu e nada.. ieu num to creditanu nessas contage mas ieu creditu e na lua coce vê a lua carregada é logu chove, e ela num troxe nadinha de chuva.. mexer cum roça so ta danu trabaio pruque num gonha a chuva num chove.. ieu num vô mexê cum roça não trabaia... trabaia e rainja nada.. vô pranta so mii e mãidioca a mãidioca guenta mais...os poçu de água aqui ta chujo chujo presta pra nada...

Ua oçê saiu sedu hoje o horalu já mudô.. o meu Deus ieu num gostu desse horalu ...ta cum muitcha hora cocê chegô? Não chegui indagurinha ne di doge que queu peleju pra bota um-a luvia bronca qui tava la dentu de meu pastu...mas também a ceica num ta prestanu ta tudu nu chão la naquela barroca so cê vê cume qui ta a arome la.. ieu já to consado de arruma essa ceica...

O fulano aquele dia que nos foi pá rua a puliça tava fazenu brita prala da cuiva da taquara inda paro nos falanu que num podia carrega gentu la atchas não.. cum muita peleja ex dexô nos imbora.. es tava bem aimadu...

Fulano foi drumi no rii mas pego peixe? Hum pegô uns pixim so tinha muruçoca mordenu...é chô mim borá telogu fulanu.. telogu ta sedu ispera o aimoçu...meu fii vai acula pega uns pau de lenha qui dexei dibaxu da sicupira na bera da istchada ...ii momôe ta longe dimais momôe laigo de tchaze depois ieu busco...

Em uma dessas conversas, o assunto tratado é o problema enfrentado por todos os moradores da Fazenda Coco, que é a falta de água no período de junho a novembro, tempo em que a chuva cessa. Os córregos são pequenos e acabam secando, e a distância das casas dos habitantes até o rio, onde se encontra água, é muito longe, é de aproximadamente de 4 a 5 quilômetros.

No momento em que eles falam que os poços estão sujos, é porque, às vezes, alguns lugares nos córregos demoram secar, daí os animais procuram esses locais para beber água e ficam pisoteando o lugar da água, que vira lama.

Os moradores da Fazenda Coco reclamam também dos órgãos governamentais que não se interessam em ajudar a população com relação à falta de água. Eles sentem falta das chuvas, pois antes chovia muito, e agora não chove mais tanto. Segundo eles, a lua era quem trazia a chuva, quando aparecia em suas fases: minguante, crescente, nova e cheia, e na fase em que a lua estava não tinha trazido chuvas. E que antigamente eles faziam as contagens com as fases da lua e dava certo, e hoje não dá mais.

Ao analisar as falas dos adolescentes e dos adultos, percebemos as mesmas ocorrências de substituição de consoante /r/ pela vogal alta /i/. Acontecem os encontros das semivogais do mesmo jeito, pode até ser palavras diferentes, mas as pronúncias são as mesmas. Exemplos de palavras com semivogais: *laiga*, *trabaio*, *rainja* e *ceica* acontecem em falas tanto dos

adolescentes, como já disse anteriormente, quanto dos adultos. Palavras que em uma língua mais monitorada quer dizer: *larga*, *eu*, *arrumar* e *cerca*.

Outro fenômeno semelhante aos dos jovens é uso das sílabas CCV em suas palavras em vez de CVC: *pruque* ao invés de *porque*.

Outra semelhança no modo de falar dos adultos com os jovens é o acréscimo de vogal nas palavras. Exemplo: *ieu*, eles acrescentam a vogal no início da palavra *eu*, eliminando o ditongo e construindo um tritongo.

Outro fenômeno linguístico identificado nas falas dos moradores da Fazenda Coco é a troca de uma consoante nasal por uma lateral, nas pronúncias das palavras *lúvia* e *lariz*, ao invés de *novilha* e *nariz*, a nasal /n/ é trocada por uma lateral /l/.

Ao analisar as falas dos moradores da Fazenda Coco é possível notar a ocorrência do **rotacismo** nas pronúncias das palavras. Nesse fenômeno, ocorre mudança fonética que consiste na troca do /l/ por /r/ em encontros consonantais, exemplos: *chiclete* / *chicrete*, *planta* / *pranta*.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), a troca de /l/ por /r/ nos grupos consonantais, geralmente, ocorre em falares rurais e até em falares urbanos, dependendo do grau de escolaridade ou seu lugar de origem e do nível de monitoramento linguístico.

Ao observar as falas dos adultos e dos jovens estudantes da Fazenda Coco, verifiquei que os mesmos trazem em suas falas a supressão de consoantes no início da palavra: *ocê*, *cê*, todas referem a *ocê*, fenômeno conhecido pelo nome de **aférese**. Esse fenômeno não é restrito às pessoas do campo, pois muitas pessoas que vivem na cidade também fazem uso dessas formas linguísticas.

Outro fenômeno identificado nas falas dos adultos e dos jovens é o de monotongação, que se refere ao apagamento de semivogal /U/, ocasionando-se, nesse processo, a redução do ditongo crescente em uma vogal simples, tornando-se um monotongo. Palavras que acontecem o fenômeno: *vô*, *ôtra*, invés de *vou* e *outra*.

Nas falas dos jovens e adultos da Fazenda Coco acontecem vários fenômenos, como citei anteriormente, mas o que acontece mais é a troca das vogais /o/ pela vogal /u/. Palavras que acontecem esse fenômeno: *druminu*,

condu, cedu, poçu e agreditanu, acontece aí a supressão é a substituição da vogal no final da palavra.

Nessa breve análise, mostrei fenômenos mais frequentes na fala dos moradores da Fazenda Coco, de criança a adultos. Porém, os próprios excertos mostram como é a variedade do português Kalunga dessa localidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância desta minha pesquisa para comunidade Kalunga Vão de Almas, Fazenda Coco é apresentar, para as pessoas de fora, a cultura a identidade de um povo através da língua, no modo de falar. Levar para sala de aula, como conteúdo, o resultado da análise de suas falas e mostrar para esses jovens estudantes que esse preconceito com nossa língua são ideias de pessoas que não possuem conhecimento sobre o que é a variação linguística. Por isso elas condenam o nosso modo de falar, como se não soubéssemos falar nada.

Como diz Bagno (2007): nada na língua é por acaso. Existem línguas mais monitoradas e menos monitoradas, mas uma definição certa que língua falada só existe uma, até hoje ainda não saiu essa definição. Cada região traz consigo um modo de falar diferente das demais localidades.

Agora, se formos descrever essas línguas de diferentes localidades, a forma da escrita de todas elas vai ser só uma. A língua escrita, obrigatoriamente, tem que seguir uma norma padrão, definida pela gramática.

A partir das análises das falas, pretendemos explicar para os alunos o que acontecem com a troca de vogais e consoantes /o/ pelo /u/, /d/ por /n/, nas palavras *falanu* e *andanu*; fazer a análise dessas palavras, encontradas em suas falas, em sala de aula, para que, futuramente, eles saibam identificar, nas suas próprias conversas, as variações linguísticas e entender que fenômeno linguístico acontece com esta determinada variação.

Tenho certeza de que, depois dessas aulas, esses jovens aprenderão a monitorar suas falas de acordo com o ambiente onde estão dialogando, ou com quem estarão se comunicando. Esta é a contribuição que espero que meu trabalho traga para Fazenda Coco: a valorização daquilo que está sempre em processo de transformação, e que, apesar das mudanças a língua materna, continua viva entre as pessoas.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é como se faz**. Editora Loyola 1999.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **o professor pesquisador: introdução a pesquisa qualitativa**. São Paulo: parábola editorial, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolingüística e educação**. São Paulo; parábola Editorial, 2005.
- CALDART, Roseli Salete. **Dicionário da educação do campo**. São Paulo, Rio de Janeiro 2012.
- CASTAGNA, Mônica molina e SÁ, Lais Mourão. **Dicionário da educação do campo**. São Paulo, Rio de Janeiro 2012.
- COOK-GUMPERZ, J. (1987). **Toward a Sociolinguística of Education**. University of California
- SOUSA, Rosineide Magalhães de. **Gênero Mediacional: (Tese de doutorado)**. Brasília: UnB, 2006.
- VELLASCO, Ana Maria e SOUSA, Rosineide Magalhães. **Educação e língua materna**. Brasília, UNB, 2007.

APÊNDICE 1

Transcrição de falas espontâneas com crianças de dez a quinze anos da fazenda coco.

Professor: ieu vō cumeissa..ta demorando vou cumeissa..cumeissei ta iscutano nao...chovê sô caderno ai pra que pra mim ver cumo ocê fez...ua ocê ta srego ta cu zoi crelado e num ta inxeigano...oca meu desenho hum hum o larizão do homo...

Oio ficou bunito a laronja cocê fez...vo apontar o lapo..ua a ponta inda num aponto não...o professor cume que lê esse nome aqui.. hum hum num do conta não... oia a oreia num e oreia não é mão...vo pregar meu desenho bem aqui...não num oia não...mõe foi La no rii onte e so volto dinoitchaõ..ieiu já tava drumino...

Condo ieu terminar os istudo aqui ieu vou la pra goiana vou estuda La aqui é muitchu ruim...professor ocê vai viaja qui dia.. hum hum assim e ruim amonha tem aula dinovo..ele num ta viajano não ta ficano é ai na istchada.. tudo dia viaja...

Condo pai foi na ni sa casa oçê num tava...amanha tem vaicina aqui o homo falo...ocês queta minino ocês inda quebra o deitchu...

Professor mõe mondou um-a gurdura de coco procê...us minino ontu tava cumeno gurdura de coco cum farinha e açuca iscundido de nha nha condo nha nha chego viu a farinha dela derromada nu chão condo vai na lata de açuca so tinha um tiquim mas ela já brigo minino... QUEM CUMEU A AÇUCA QUI TAVA AQUI? SE IEU SABER QUEM É OCÊS VAI VE CABANDA DE PESPE... O fulano so pai tava brigono cum quem hoje sedo era coce? Um um num era cunheu não...O professor ieu quero mim borá já ta na hora ua... uuu pegui o livro errado...

Conversas espontanea com pessoas adultas da fazenda COCO:

A chuva parou num que chuve...aqueza contage que us povo fazia pode laiga pra la que num ta cum nada mas não.. praque no mês de otubo deu chuva mas ate agora nunca chuveu... hoje já é dizenove o mês já ta cabano e nada.. ieu num to creditando nessas contage mas ieu credito e na lua coce vê a lun-a carregada é logo chove, e ela num troxe nadinha de chuva.. mexer com roça so ta dano trabaio praque num gonha a chuva num chove.. ieu num vo mexer cum roça não trabaia trabaia e rainja nada.. vo plantar so mii e maindchoca a mãidioca guenta mais...os poço de água aqui ta chujo chujo presta pra nada...

Ua oçê saiu sedo hoje o horalo já mudou.. o meu Deus ieu num gosto desse horalo ...ta cum muiltcha hora coce chego? Não cheguei indagurinha ne di doge que queu pelejo pra botar um-a luvia bronca qui tava la dento de meu pasto...mas também a ceica num ta prestano ta tudo no chão la naquela barroca so cê vê cume qui ta a arome la.. ieu já to consado de arruma essa ceica...

O fulano aquele dia que nos foi pra rua a puliça tava fazeno brita prala da cuiva da taquara inda paro nos falano que num podia carrega gento la atchas não.. cum muita peleja ex dexo nos imbora.. es tava bem aimado...

Fulano foi drumi no rii mas pego pexe? Hum pego uns pixim so tinha muruçoca mordeno...é chô mim borá telogo fulano.. telogo ta sedo ispera o aimoço...meu fii vai acula pega uns pau de lem-a qui dexei dibaxo da sicupira na bera da istchada ...ii momôe ta longe dimais momôe laigo de tchaze depois ieu busco...